

“Não há lugar para o derrotismo”

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

“Neste País não há lugar para pessimismo, não há lugar para derrotismo. Estamos vencendo dificuldades, superando obstáculos. Estamos ultrapassando desafios.” A afirmação consta da mensagem sobre o estado da União que o presidente José Sarney enviou ontem ao Congresso Nacional, na reabertura dos trabalhos legislativos deste ano.

“Na busca do futuro, a paz social — diz o presidente — é condição de êxito da disputa política e consecução da estabilidade institucional. Vamos modernizar o Brasil, aprimorar suas instituições, ampliar os direitos do cidadão e tornar mais justa a sociedade. Esse é o nosso objetivo comum, a despeito da diversidade de soluções que possamos preconizar, da pluralidade democrática que devemos cultivar. O Brasil vai dar certo.”

Sarney pediu apoio ao Congresso e ao povo para a execução do seu programa de governo, assinalando ser essa a única forma “pela qual o País poderá utilizar plenamente suas potencialidades”. O presidente reafirma sua opção pelo social, diz que o Brasil vive um clima de liberdade, os salários subiram e a Nação cresce. E justifica o recurso ao decreto-lei para a implantação do pacote que criou o cruzado como uma imposição por causa da natureza sigilosa da medida e de suas repercussões na economia do Brasil. “Tenho a consciência tranquila — acentua — de que o fiz no interesse do País, com a coragem que não pode estar ausente nas decisões maiores. Devo, contudo, salientar que o sucesso que nisso obtivemos, senhores congressistas, não será êxito

pessoal do presidente da República, triunfo do governo. Será vitória de toda a Nação.”

Já em seu discurso, o presidente do Senado, José Fragelli, disse que a decisão de Sarney “cobriu a distância que há entre as palavras e a ação”.

A instalação do ano legislativo foi um pouco tumultuada. Nas galerias, militantes do PMDB do Distrito Federal exigiam autonomia política para Brasília. Ao mesmo tempo, funcionários do Banco do Brasil vaiavam o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, e o pacote econômico. Os dois grupos só se entenderam quando o deputado Paulo Maluf entrou no plenário. Então, passaram a vaiá-lo em conjunto.

A declaração mais polêmica ficou por conta do ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves. Afirmando ser um soldado mas também ministro “com faceta política”, disse ter o direito de fazer declarações políticas. “É um direito — frisou — do qual não abro mão.”

Já o ministro-chefe da Casa Civil, Marco Maciel, disse que o descontentamento do PMDB com o governo está superado depois do pacote econômico. Ele chegou atrasado para entregar a mensagem presidencial e salientou que a Aliança Democrática sairá até fortalecida porque a criação do cruzado é o cumprimento de um dos itens do seu programa: o combate à inflação.

No último ano de seu mandato, os parlamentares terão alguns meses agitados. Deverão trabalhar mesmo até maio, apenas. Junho é o mês da Copa do Mundo. Em julho, haverá o recesso. No segundo semestre, estarão todos em campanha eleitoral.